

## MAIS UMA BRASILEIRA EM BROWN

### RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO EM BROWN UNIVERSITY

*Mirna Soares Andrade* é tradutora e mestranda em Estudos da Linguagem na PUC-Rio.  
E-mail: [mirnasoaresh@yahoo.com](mailto:mirnasoaresh@yahoo.com)

Na lojinha da universidade, fiquei surpresa ao encontrar, em meio a copos, canecas e bonés da Brown University, uma camiseta de Harvard. Olhei de perto e vi a frase escrita como se fosse à caneta embaixo do nome: "because not everybody can get into Brown". A rivalidade das duas universidades se explica pelo fato de ambas serem muito antigas, estarem entre as melhores dos EUA em qualidade de ensino e pesquisa e serem geograficamente próximas. Brown é tida como a irmã descontraída da Ivy League – grupo de 8 universidades americanas que incluem Harvard, Yale, Cornell e Columbia – o que significa dizer que apesar da atividade intensa no campus, as pessoas parecem tranquilas e sem pressa para chegar, pelo menos se seu parâmetro for uma capital brasileira. Mas a verdade é que Brown é grande para a pequena Providence que a acomoda. Sem dúvida, em College Hill, a vida é mais interessante que Downtown.

Os murais do campus apinhados de cartazes de eventos assustam pela variedade de interesses e possibilidades. Em apenas um mês, eu queria aproveitar o máximo que pudesse daquela experiência até então inacreditável para mim, mas possibilitada pelo bom relacionamento da PUC-Rio com a Brown University. Através do intercâmbio PUC-Brown eu viajei para Providence, Rhode Island, já em contato com o departamento de Portuguese and Brazilian Studies para fazer parte da minha pesquisa do mestrado em andamento na PUC. Depois do impacto dos primeiros dias em que eu não conseguia me entender muito bem com o funcionamento das coisas e às voltas com a burocracia (que também existe por lá!) comecei a aproveitar o que o ambiente acadêmico tinha a oferecer. A carteirinha me dava acesso a todas as bibliotecas (onde eu passava a maior parte do meu tempo), a ônibus gratuito, máquinas copiadoras, escaner, computadores etc, tudo o que eu precisava para fazer um bom trabalho. O que mais impressiona, além da quantidade colossal de livros e de banco de dados de pesquisa online, é a cultura estudantil do lugar. Os alunos de Brown estudam muito e em todos os lugares, nas filas e escadarias desconfortáveis e nos salões maravilhosos e saletas aconchegantes, que só se descobrem aos poucos. Tem para todos os gostos,

para quem gosta de estudar com barulho e televisão, sentado ao sol (quando tem), ou no silêncio absoluto; é difícil não encontrar o seu lugar. Eu tinha o meu favorito, um sofá com pufe em frente a um janelão de onde eu podia ver as árvores já começando a forçar a entrada da primavera. Providence é fria e o inverno é loongo!

Palestra da Nélide Piñon, almoço com Inês Pedrosa, leitura de livro inédito pelo próprio Paul Auster, debate com Jack Nicholson, dois festivais de cinema, seminários com professores de outras universidades renomadas e mais um monte de coisas que eu perdi porque aconteceram um dia antes de eu chegar ou um dia depois de eu ir embora. É só acessar o website da universidade ou seguir os cartazes para saber o que vai acontecer durante o dia.

Na Meiklejohn House, sede do departamento de *Portuguese and Brazilian Studies*, encontrei pessoas que conhecem bem o Brasil, por serem brasileiros e/ou por estudarem profundamente o nosso país. A língua oficial do departamento é o português com todos os seus sotaques: português, brasileiro, americano e até chinês. No papo e pizza, almoço informal para reunir a comunidade de pessoas que falam português em Brown, encontramos muitos desses alunos e ficamos sabendo o que estudam. De estudos culturais e sociológicos, passando pela história e principalmente literatura, as opções são variadas. Há espaço para os autores clássicos – Machado de Assis é estudado intensamente em cursos e em *papers* – e para os que despontaram mais recentemente também entre os brasileiros, como Cintia Moscovich, Adriana Lisboa e Luiz Rufatto. Em foco também estão André Sant’anna e Chico Buarque, além do angolano José Eduardo Agualusa (que havia visitado a universidade meses antes) e do moçambicano Mia Couto. Senti falta de Guimarães Rosa, de meu interesse pessoal, que apesar de já ter sido objeto de muitos artigos, no momento anda um pouco discreto.

O caráter interdisciplinar do programa produz trabalhos que relacionam literatura à história, fenômenos urbanos, música e regimes políticos. Aprendi sobre a cultura lusófona quando assisti a uma defesa que articulava as ditaduras varguista e salazarista tendo a literatura como fio condutor e também quando discutia o trabalho de uma colega que estuda as imagens da infra-estrutura pública na literatura brasileira como forma de compreender a relação conflituosa que o Brasil tem com seu próprio progresso. O simpósio que aconteceu no início de maio, *Brazilian Literature in an Inter-American Context* – começou no dia em que fui embora - demonstra a preocupação com a integração dos estudos de literatura brasileira a estudos mais abrangentes,

que incluem a América Latina e os Estados Unidos. A dificuldade que existe em “exportar” nossa literatura, o nosso isolamento provocado em parte pelo nosso idioma e a não integração brasileira a um “projeto latino-americano” em literatura, se é que isso pode ser simplificado dessa forma.

O programa é extensivo e a carga horária pesada de aulas favorece o generalismo antes do início da pesquisa mais específica. Os estudantes são estimulados a viajar, manter contato com outras instituições e produzir academicamente, portanto a maioria já esteve no Brasil por longas temporadas e muitos conhecem bem a PUC-Rio. Ter um departamento exclusivamente dedicado a Brasil e Portugal separado dos estudos latino-americanos é privilégio de poucas universidades americanas.

Um mês foi pouco para aproveitar tantas novidades, mas foi o suficiente ter um forte impacto na minha vida acadêmica. De repente fez muito sentido estudar o Brasil nos nos EUA.